

Música e Síndrome de Down: análise das publicações dos Congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) de 2008-2018

Georgy A. D. Coutinho
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
georgydomiciano@hotmail.com

Milene Suanne N. C. Farias
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
milene.flautistadoce@gmail.com

Vitória Talyta S. Damasceno
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
vitoriatalytdamasceno@gmail.com

Resumo: O presente trabalho intitulado “Música e Síndrome de Down: análise das publicações dos Congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) de 2008-2018” busca investigar sobre educação musical para pessoas com Síndrome de Down (SD) e por fim expor os resultados nas pesquisas lidas e seus principais aspectos, como ambiente em que se realizou a pesquisa, a metodologia do trabalho, e seus objetivos, através dos anais de congressos nacionais e regionais da ABEM entre os anos 2008-2018. Mesmo a quantidade encontrada de artigos para SD sendo bem menor que a esperada, podemos perceber que a educação musical tem alcançado vários ambientes formais e não-formais, em classes comuns e em salas especiais, associações, entre outros. Através dos resultados, descritos como satisfatórios nas pesquisas descritas, concluímos a possibilidade de inserir o estudante com Síndrome de Down à educação musical, além de ser uma aliada ao seu desenvolvimento, promovendo autonomia dos mesmos.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Educação Musical. ABEM.

Introdução

O presente trabalho intitulado “Música e Síndrome de Down: análise das publicações dos Congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) de 2008-2018” busca investigar o que foi escrito sobre educação musical para pessoas com Síndrome de Down (SD)

e por fim expor os resultados nas pesquisas lidas e seus principais aspectos, como ambiente em que se realizou a pesquisa, a metodologia do trabalho, e seus objetivos.

A pesquisa deste trabalho possui relevância por exibir esclarecimentos acerca das pesquisas realizadas para pessoas com certo grau de comprometimento cognitivo, nesse caso, a Síndrome de Down, pois abordará exemplos específicos para este público que possui características próprias, assim como todo indivíduo.

Para isso, será realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, a partir dos anais de congressos regionais e nacionais da Associação brasileira de educação musical (ABEM) nos últimos dez anos. Severino explica que esta pesquisa “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122). Após a leitura e fichamento dos resumos dos artigos, será analisado o resultado das pesquisas, a fim de colaborar com o enriquecimento do trabalho pedagógico.

A respeito da educação musical para indivíduos com SD, encontramos o trabalho de Ravagnani (2009), que em dissertação, possui o propósito de estudar a aprendizagem musical de crianças com SD, em um contexto de interação social. Realizado através de uma pesquisa-ação em 10 aulas de musicalização, a pesquisa apontou que os aprendizes utilizaram canais não-verbais de comunicação para se expressar nas aulas de música, e que o ambiente acolhedor proporcionou estabilidade para as crianças se sentissem a vontade para interagir entre o grupo influenciando diretamente na aula e nos estudantes. (RAVAGNANI, 2009, p. 104).

Temos também Gomes (et al, 2018) cujo artigo “Educação Musical e a Síndrome de Down” tem como objetivo verificar os parâmetros atuais de uma relação educacional entre a música e a Síndrome de Down. A pesquisa destaca ainda que os anos do Decreto 7.611/11 já

repercutem efeitos positivos e somados a Lei 11.769 que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas, contribui para a estimulação de abordar tal tema. E apresenta um levantamento das produções científicas na região norte e a discussão dos resultados em relação a isso e como podemos requalificar nossos esforços na direção de modelos da educação inclusiva e musical pelos mesmos objetivos. Com isso, trazem um pequeno conjunto de atividades propostas para o desenvolvimento de horas de ação entre professores e alunos com a síndrome, onde fizeram uso da música como veículo orientador e apoiador das ideias de suplementação e complementação escolar para todos (GOMES et al, 2018, p. 1).

Os autores ressaltam que a participação ativa da instituição, pais, técnicos educadores foram fundamentais para que a iniciativa procedesse. E destacam que o processo ainda estava em andamento. E que ao ser finalizado este período seria feito uma avaliação das atividades e as modificações adequadas de acordo com as singularidades de cada criança para o seguimento das oficinas posteriores (GOMES et al, 2018, p. 11).

Podemos citar ainda o artigo de Góes, Fagundes e Góes (2016) intitulado “Música e movimento na educação infantil na perspectiva da inclusão da criança com Síndrome de Down” que relata a prática de bolsistas voluntários do curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e busca refletir sobre fundamentos teóricos e práticos que embasam a prática docente do futuro educador na Educação Musical Infantil, na perspectiva da inclusão de alunos com Síndrome de Down. O artigo tem como objetivo relatar as contribuições advindas da psicomotricidade aliadas ao ensino da música na Educação Básica no processo de desenvolvimento da criança com Down, auxiliando também na aceitação e inclusão por parte das demais crianças da turma. Foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, por meio de um relato de experiência fundamentado, por ser a que mais se aproximava dos nossos objetivos dos autores.

Eles discutem a importância de conhecer os alunos e o ambiente de atuação, de refletir e buscar compreender diferentes formas de contribuir com a aprendizagem musical de crianças com síndrome de Down, em conjunto com crianças neurotípicas e desenvolvendo a psicomotricidade em ambas, bem como entender a síndrome e a sua abrangência física e cognitiva. Destacam ainda que, o trabalho visa também avaliar a prática docente do bolsista licenciando em música voluntariado e refletir sobre suas buscas por melhorias e diferentes formas de atuação, a fim de contribuir para a formação como futuro profissional da Educação Musical.

Para desenvolver um trabalho pedagógico com estudantes com alguma deficiência, é necessário buscar informações sobre a legislação, a deficiência, e sobre a individualidade do estudante. Para isso, nos tópicos seguintes conterão informações acerca desses temas, seguindo dos achados da pesquisa bibliográfica.

Legislação da educação especial

Para entender o trabalho de educação musical para pessoas com SD, é necessário registrar em termos de leis existentes no Brasil e compreender o paradigma atual da educação inclusiva.

A educação é um direito assegurado a todos os cidadãos, previstos nas leis brasileiras. Toda pessoa tem direito de frequentar uma instituição de ensino, mas, além disso, há o direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os educandos com necessidades específicas, assim a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) entende a educação especial uma modalidade de educação escolar para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotação. (Art 58).

A LDBEN cita alguns direitos para pessoas com necessidades específicas, tais como, frequentar classes comuns e escolas especializadas, “para atender às peculiaridades da clientela de educação especial” (Art. 58 §1º); profissionais habilitados para atendimento de integração em classe comum; educação especial objetivando o trabalho e inserção social (Art. 59).

O dever constitucional do Estado é ofertar a educação especial desde a educação infantil até o longo da vida, parágrafo alterado em 2018, o qual anteriormente era ofertado apenas para a faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (Art. 58 §3).

Incluir educandos com deficiência nas escolas não pode ser apenas para atender exigências legais, todo indivíduo tem habilidades que devem ser exploradas e desenvolvidas nos ambientes educacionais.

No que se refere à educação inclusiva no Brasil, as leis constitucionais determinam que toda criança tem direito inalienável à educação, e a inclusão de alunos com Síndrome de Down e outras deficiências na rede regular de ensino tem obtido um crescimento significativo, não apenas dentro de escolas particulares como também de escolas públicas, porém, ainda temos muito a melhorar.

O artigo 8º da Lei 7.853/89 especifica que recusar a inscrição de um aluno em qualquer escola, seja pública ou privada, por motivos relacionados a qualquer deficiência, é crime. Além de receber uma multa, os diretores ou responsáveis pela escola que se negar a matricular pessoas com deficiência podem ser punidos com reclusão de um a quatro anos.

Desde o dia 3 de Janeiro de 2016, o Estatuto das Pessoas com deficiência (EPD) está em vigor no Brasil, o qual também é chamado de Lei Brasileira de Inclusão, foi instituído pela Lei nº 13.146 no dia 6 de julho de 2015, após mais de 12 anos de tramitação no Congresso Nacional.

Há ainda o artigo 1º, inciso III da Constituição Federal de 1988 que serve de base para diversos dispositivos legais criados especialmente para pessoas com necessidades específicas.

Vemos, então, acerca dos direitos da pessoa com deficiência que a legislação garante, que se revela com importância para o desenvolvimento dos mesmos, visto que previsto em lei é possível buscar tais benefícios.

Diagnóstico e Prognóstico da Síndrome de Down

O conhecimento da Síndrome, ou de outra deficiência, é imprescindível para realizar o trabalho pedagógico. Portanto, será exposto algumas informações básicas sobre a SD, o diagnóstico e prognóstico.

Segundo Ravagnani (2009), a Síndrome de Down foi “caracterizada pelo médico inglês John Langdon Down, em 1864, este lhe deu a caracterização de “mongolismo”, pelo fato de este grupo de pessoas apresentar semelhança facial com as pessoas de etnia mongol”. A síndrome de Down também é conhecida como Trissomia do cromossoma 21, sua causa ainda não é conhecida, mas pesquisas apontam que mães com idade superior de quarenta anos, tem mais probabilidade da criança nascer com a Síndrome.

A síndrome de Down abarca características físicas e deficiência intelectual, e consequente dificuldade de aprendizagem.

Existem análises genéticas realizadas durante a gravidez que possibilitam saber a condição do bebê. Estes exames são recomendados quando a gravidez apresenta algum fator que possibilite a presença da alteração cromossômica causadora da síndrome (COELHO, 2016).

Pesquisas afirmam que aproximadamente, metade das crianças com síndrome de Down nascem com problemas cardíacos, inclusive defeitos do septo atrial, do septo ventricular e do coxim endocárdico, ou seja, problemas cardíacos graves podem levar à morte prematura. O nível de atraso mental varia de paciente a paciente, mas normalmente é moderado. Adultos com a síndrome de Down têm maior risco de demência, pois, há um atraso no desenvolvimento psicomotor destas crianças, que é também variável. A criança pode atingir as várias etapas do desenvolvimento, mas fá-lo de uma forma mais lenta, especialmente quando são exigidas capacidades linguísticas.

No entanto, através de programas especiais, com intervenção precoce e educação especial, algumas crianças com síndrome de Down aprendem a ler e a escrever. Existem ainda programas de trabalho especial para adolescentes e adultos com síndrome de Down em atividades recreativas e trabalhos em comunidade. O seu temperamento é dócil, mas frequentemente são teimosos e hiperativos e as dificuldades de comunicação são um obstáculo a uma integração social apropriada.

Segundo Costa (2015)

Apesar de esta ser uma doença genética que não tem cura, as crianças com a síndrome necessitam ser estimuladas desde o nascimento para que possam desenvolver o máximo seu potencial com os profissionais da área da saúde e da educação para estimular principalmente o convívio social. (COSTA ET AL, p. 5, 2015)

Recomenda-se que, o fator mais importante para garantir o bom desenvolvimento e convívio social da criança com síndrome de Down é o bom ambiente familiar. Pais atentos e bem informados, capazes de intervir desde cedo nos processos de aprendizagem, nas práticas vocacionais, servindo-se da colaboração de profissionais especializados quando necessário. O empenho individual dos pais, professores e terapeutas pode produzir resultados positivos surpreendentes.

Dos Resultados da pesquisa

Para conhecer os trabalhos realizados para pessoas com Síndrome de Down foram escolhidos os anais dos congressos da Abem entre os anos 2008 a 2018 para tal levantamento. Foram encontrados trabalhos envolvendo outras áreas, como a dança, sem a educação musical efetiva na metodologia, estes não foram inseridos nas análises abaixo, por não estar concordante com o objetivo deste trabalho, porém destacamos a importância de áreas diversas auxiliando o desenvolvimento psicomotor da pessoa com deficiência, neste caso em decorrência da Síndrome de Down.

Os dados numéricos encontrados estão nas tabelas abaixo:

Encontros nacionais

Ano	Cidade	SD e educação musical	SD e outras deficiências/ transtornos globais do desenvolvimento
2008	São Paulo- SP	2	-
2009	Londrina- PR	-	-
2010	Goiânia- GO	2	3
2013	Pirenópolis- GO	-	-
2015	Natal- RN	-	-
2017	Manaus- AM	-	2

Apenas em dois eventos anuais da Associação foram encontrados artigos voltados para a pessoa com Síndrome de Down, são estes: 2008 e 2010.

O encontro nacional da ABEM no ano de 2008, foi realizado em São Paulo e possui como tema Diversidade musical e compromisso social: o papel da educação musical. Em pesquisa aos trabalhos apresentados nesse evento encontraram-se os seguintes: A Educação Musical e a Síndrome de Down; Síndrome de Down e Música: estudo preliminar sobre as escolas privadas de Natal/RN. No site da associação estão disponíveis apenas os títulos dos trabalhos, sem opção para download, porém ao analisar essa informação podemos concluir o ambiente da pesquisa (escola privada) e na área de educação musical.

O encontro nacional do ano de 2010, foi realizado em Goiânia/GO, possui como tema Políticas públicas em educação musical: Dimensões culturais, educacionais e informativas. Em pesquisa aos trabalhos realizados neste evento encontra-se os seguintes: Noites Culturais: relato de experiência; Praticando o baião na educação especial; Relato de experiência de estágio supervisionado em música na educação infantil com duas turmas de pré-escolar II; Essa música é especial: relato de uma experiência com a educação musical de crianças deficientes mentais na Fundação Dom Bosco, em Belo Horizonte; A Capoeira como manifestação da cultura popular brasileira: ferramenta de inclusão no processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual.

O trabalho Noites Culturais: relato de experiência (BORNE, 2010) tem como objetivo articular a música com outras linguagens artísticas com o propósito de apresentar o final de um processo musical com crianças com necessidades especiais incluídas no ensino regular, e possui como metodologia um relato de experiência. No contexto de uma sala de aula do ensino regular, o foco do artigo é discutir a face da inclusão social de jovens com diversas especialidades através do projeto realizado na escola Visconde de Pelotas em Porto Alegre/RS, no período de 2007 – 2010 com os alunos do EJA tendo alunos diagnosticados com: Síndrome de Down, Síndrome de Asperger, Paralisia cerebral, Síndrome do X- frágil, entre outros.

Entre outras áreas abordadas no projeto, destaca-se o ano de 2010 no qual o trabalho teve o foco no desenvolvimento dos alunos através de experiências diferentes no âmbito musical. Os profissionais que trabalhavam com os alunos tinham a formação necessária para trabalhar essa inclusão auxiliando nesta interação dos alunos com necessidades específicas e a música (BORNE, 2010).

No artigo “Praticando o baião na educação especial” (AMARAL et al, 2010) o objetivo é relatar o trabalho realizado com crianças na associação OOFEARTE, e possui como metodologia a observação/participativa. Trabalhando com crianças com diversas especialidades (síndrome de down, hiperatividade, deficiência motora e déficit de atenção), trabalhando a inclusão desde as primeiras experiências até o período da pesquisa, utilizou-se na metodologia a música afro-brasileira pela predominância da percussão neste estilo, realizado em um centro especializado contava com profissionais formados para atender os alunos.

No “Relato de experiência de estágio supervisionado em música na educação infantil com duas turmas de pré-escolar II” (COELHO, 2014) realizado em uma escola de ensino básico da UFPB, por meio da observação/participativa. Dentre as turmas atendidas havia duas crianças das quais, uma com Síndrome de Down e a outra com TEA. Este trabalho procura descrever as aulas de música na sala de aula contando com alunos com deficiência, sendo realizado na educação infantil nas séries jardim I e II, tendo como resultados preliminares um olhar mais detalhado para estratégias no que diz respeito ao ensino musical na educação infantil, valorizando o imaginário dos estudantes.

O artigo “Essa música é especial: relato de uma experiência com a educação musical de crianças deficientes mentais na Fundação Dom Bosco”, em Belo Horizonte, (SANTOS, 2010) cuja metodologia do trabalho é a observação/participativa, onde havia crianças com Síndrome de Down, TEA e outras deficiências cognitivas, se volta para uma forma mais simplificada de execução rítmica, acessível à todas as crianças. O projeto realiza atividade de prática coral e percussão, dentre outras atividades interdisciplinares.

No artigo “Síndrome de Down: desenvolvimento das habilidades musicais, motoras e de linguagem” Guzmán (2010) tem como objetivo descrever quais os efeitos da educação musical na vida de crianças com Síndrome de Down, utilizando como metodologia a revisão de literatura. A cerca do tema o autor buscou através de tópicos específicos como: música, educação musical, deficiência intelectual e Síndrome de Down, para poder embasar a pesquisa, através de um projeto que foi aplicado a crianças que possuem esta Síndrome. O principal motivo da pesquisa foi trazer um enfoque a esta educação inclusiva, desenvolvendo um trabalho mais específico voltado para as crianças com esta necessidade, destacando entre alguns pontos a necessidade de um professor pautado na educação inclusiva para poder atuar em uma escola de ensino regular.

No Congresso Nacional da Abem que ocorreu em Manaus- AM em 2017 os artigos encontrados foram “Algumas reflexões sobre *habitus conservatorial* e as adaptações para o ensino de instrumento musical para a pessoa com deficiência” e “Parâmetros do som: aprendendo com inclusão na escola aplicação da UFPA”, trabalhos que falam sobre relatos de experiências de educação musical em ambientes conservatorial e especializado, porém, não dizem respeito apenas à educação musical para pessoas com Síndrome de Down, mas também com outras deficiências como autismo, deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência mental, Síndrome de Asperger, Síndrome de Charge e TDAH.

No primeiro artigo a proposta do relato é rever certos parâmetros que estão vinculados ao ensino de instrumento e que foram vivenciados através das experiências pedagógicas no ensino de música para pessoas com deficiência, onde é relatada a prática docente de uma professora de violoncelo que atua em uma escola com alunos com diversas deficiências.

A professora explica que apesar da escola ser específica para o ensino de música para pessoas com deficiência, a inclusão nesta está caracterizada pelo tipo de abordagem do ensino de música que muitas vezes é inacessível nas instituições. E explica ainda que quando começou a dar aulas mesmo sem experiências com a Educação Especial e com o ensino de música para pessoas com deficiência ela já se questionava sobre metodologias e processos de

ensino vinculados a este contexto específico, e sobre o tipo de trabalho que pudesse trazer um ensino musical significativo para estes alunos.

No segundo artigo encontrado, Nascimento (2017) descreve a metodologia empregada na oficina realizada com a turma Pré II, e explica que esta foi inspirada nos teóricos Dalcroze e Orff, cujas teorias atendem em parte a carência dos alunos com e sem necessidades especiais. A autora destaca que a principal metodologia de ensino do professor de música das turmas de Pré II é baseada no canto coletivo e no uso de atividades ligadas a pintura de desenhos musicais. (NASCIMENTO, 2017, p.3).

Encontros Regionais

Regiões	Cidade	Ano	Número de artigos (SD e música)
Norte	Belém- PA	2012	0
	Rio Branco- AC	2014	0
	Boa Vista- RR	2016	Não disponível
	Macapá- AP	2018	0
Nordeste	João Pessoa- PB	2008	Não disponível
	Recife- PE	2011	0
	Fortaleza- CE	2012	0
	São Luís- MA	2014	0
	Teresina- PI	2016	0
	Salvador - BA	2018	0
	Centro este	Brasília- DF	2008
Brasília- DF		2012	0
Campo Grande- MS		2014	0

	Cuiabá- MT	2016	0
Sudeste	São Paulo – SP	2012	0
	Vitória- ES	2014	1
	Rio de Janeiro- RJ	2016	0
Sul	Maringá- PR	2011	0
	Montenegro-RS	2012	0
	Blumenau- SC	2014	0
	Curitiba- PR	2016	2
	Santa Maria- RS	2018	0

No IX encontro regional sudeste da ABEM realizado na cidade de Vitória- ES, em 2014 foi encontrado um artigo cujo título “Musicalização através do violão: a potencialidade da criança com síndrome de Down no processo de ensino e aprendizagem musical”, e tem o objetivo de investigar contribuições para musicalização através do violão para crianças com Síndrome de Down, e possui como metodologia a observação-participante. Em um contexto de sala inclusiva em um Centro cultural, esta pesquisa em andamento expõe suporte teórico para propor e constatar que toda criança pode tocar um instrumento, levando em consideração suas dificuldades e potencialidades. (PIRES; COELHO, 2014).

No XVII encontro regional sul da ABEM realizado em Curitiba- PR em 2016 foram encontrados os seguintes artigos “A aplicação do método TUBS para alunos com deficiência intelectual e Síndrome de Down: um relato de experiência”, e “Cenas inclusivas: relato das práticas musicais com um aluno com Síndrome de Down”. No primeiro, Candemil (2016) apresenta um relato de experiência sobre um estágio supervisionado realizado com alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down, numa escola da APAE. A pesquisa-ação teve como objetivo de aprendizagem a execução do ritmo da marcha do Catopê mediante utilização de partitura analógica inspirada no método TUBS. O Catopê é uma das modalidades do congado mineiro, uma tradição afro-brasileira. Pretendeu-se verificar se os alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down conseguiriam aprender a tocar células rítmicas na percussão lendo uma partitura alternativa. (CANDEMIL, 2016).

No segundo artigo Hedler e Schambeck (2016) apresentam relatos de práticas musicais inclusivas com a presença de um aluno com Síndrome de Down. As atividades foram desenvolvidas através de projeto extracurricular pertencente a uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Em forma de relato de experiência, o texto foi estruturado com base nos registros da professora de música que se utilizou de vídeos e diários de classe que continham descrições das práticas musicais. A partir destes registros buscou-se refletir, através da transcrição de excertos, as dificuldades para promover a inclusão de crianças com deficiência e, principalmente, compartilhar os resultados do trabalho, evidenciando a importância das aulas de música no desenvolvimento cognitivo e na promoção da inclusão deste aluno na comunidade escolar. (HEDLER E SCHAMBECK, 2016).

Considerações e recomendações

Com o intuito primeiro de investigar e aprender sobre o processo de aprendizagem da criança com Síndrome de Down foi proposto à investigação de trabalhos já realizados e através destas experiências de outros profissionais contribuir para o trabalho docente futuro. A realidade da educação musical inclusiva foi outra. Foram encontrados diversos trabalhos sobre outras deficiências e transtornos globais do desenvolvimento, mas não fazia parte do objetivo deste trabalho. Por isso, deixa-se a recomendação para avançar em pesquisas na educação musical especial, e produzir o compartilhar de ideias e metodologias do ensino da música para todos terem acesso a esse direito.

Mesmo a quantidade encontrada de artigos para SD sendo bem menor que a esperada, podemos perceber que a educação musical tem alcançado vários ambientes formais e não-formais, em classes comuns e em salas especiais, associações, entre outros.

Pudemos perceber também o interesse e a preocupação de educadores musicais em ensinar música para alunos com deficiências, mas, principalmente em procurar propostas de ensino que venham contribuir com o aprendizado desses alunos e que seja algo significativo para suas vidas.

No artigo de Ferreira e Silva (2017) foram elencados neste relato três pontos que estão vinculados a quebra de paradigmas do ensino tradicional de instrumento musical e as adaptações para o ensino para pessoas com deficiências: 1- Adaptação da postura convencional; 2- Adaptação no repertório musical; 3- Significado do aprendizado musical para os alunos, foco no aluno. Sendo assim, a professora destaca que percebeu que o professor precisa conhecer bem o aluno para desenvolver atividades que estejam adequadas às necessidades específicas do mesmo, que embarcaria não apenas sua deficiência, mas seu jeito e as características individuais. Por fim a professora afirma que é possível em diversos níveis adaptar o fazer musical para pessoas com deficiência, incluindo o ensino de instrumento.

Foram encontradas metodologias diferentes para se adequar aos públicos distintos, como o método TUBS utilização a substituição do método europeu de partituras por um método alternativo que permite a utilização de figuras ou notações alternativas, permite que o educador que a use trabalhe com o cotidiano do aluno como forma de trazer a música para a vida desse aluno, através da cultura do local sendo a fala ou figuras próprias da localidade, na pesquisa é destacado pelo próprio autor que este método pode ser perfeitamente usado com alunos especiais, trabalhando seu desenvolvimento musical.

O processo de musicalização, utilizando canto coral, percussão e violão como recurso para motivar e interessar os estudantes foram encontradas como propostas de trabalhos realizados com pessoas com deficiência, respeitando suas limitações e pensando no potencial dos mesmos, trabalhando com o que o aluno fornecia tanto de aceitação fazendo com que o trabalho se desenvolvesse como na elaboração de técnicas e abordagens diferentes para cada aluno mesmo que ambos possuam a mesma especialidade.

Através dos resultados, descritos como satisfatórios nas pesquisas encontradas, concluímos a possibilidade de inserir o estudante com Síndrome de Down à educação musical, além de ser uma aliada ao seu desenvolvimento psicomotor, promovendo autonomia dos mesmos.

Referências

_____. A educação musical e a Síndrome de Down. XVII Encontro nacional ABEM. São Paulo, 2008.

_____. Síndrome de Down e Música: estudo preliminar sobre as escolas privadas de Natal/RN. XVII Encontro nacional ABEM. São Paulo, 2008.

AMARAL, Maria Luiza Feres. DEMARCHI, Ericson Francisco de Jesus. TRUPPEL, André Envino. Praticando o baião na educação especial. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.

BORNE, Leonardo da Silveira. Noites Culturais: relato de experiência. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

CANDEMIL, Luciano da Silva. A aplicação do método TUBS para alunos com deficiência intelectual e Síndrome de Down: um relato de experiência. XVII Encontro Regional Sul da ABEM, Curitiba, 2016.

CARVALHO, Marla Dore. Et al. Ferramentas aplicadas à Educação e Saúde em crianças com Síndrome de Down. III Seminário de tecnologias aplicadas em educação e saúde. 2017.

COELHO, Ana Catarina Leão Pinto. Relato de experiência de estágio supervisionado em música na educação infantil com duas turmas de pré-escolar II. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.

COELHO, Cristina Lucia Maia. PIRES, Thatiane Maria. Musicalização através do violão: a potencialidade da criança com Síndrome de Down no processo de ensino e aprendizagem. IX Encontro Regional Sudeste da ABEM. Vitória-ES, 2014

COSTA, Gisele Maria Tonin da. *et al* Crianças com síndrome de down: desafios e propostas significativas no processo de alfabetização. Revista de educação do IDEAU. Vol. 10 – Nº 21 - Janeiro - Julho 2015.

FERREIRA, Mayara de Brito. SILVA, Luceni Caetano da. Algumas reflexões sobre habitus conservatorial e as adaptações para o ensino de instrumento musical para a pessoa com deficiência. XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Manaus, 2017.

GOMES, Brenda Letícia B. Et al. EDUCAÇÃO MUSICAL E SÍNDROME DE DOWN. V Congresso Paraense de Educação Especial, Marabá- PA, 2018.

GÓES, Aja Devi Dasi Soares Abreu de. FAGUNDES, Flávia Maiara Lima. GÓES, Valéria Maria Soares Silva de. MÚSICA E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN. III Congresso Nacional de Educação, Rio Grande do Norte, 2016.

GUZMÁN, Karla Maythé Figueroa. Síndrome de Down: desenvolvimento das habilidades musicais, motoras e de linguagem. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.

HEDLER, Bruna. SCHAMBECK, Regina Fink. Cenas inclusivas: relato das práticas musicais com um aluno com Síndrome de Down. XVII Encontro Regional Sul da ABEM, Curitiba, 2016.

NASCIMENTO, Samara Ellen Oliveira do. Parâmetros do som: aprendendo com inclusão na escola aplicação da UFPA. XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Manaus, 2017.

RAVAGNANI, Anahi. A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social. Dissertação Mestrado em Música. Curitiba, 2009.

SANTOS, Isaac Luís de Souza. Essa música é especial: relato de uma experiência com a educação musical de crianças deficientes mentais na Fundação Dom Bosco, em Belo Horizonte. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho científico. 23. ed. rev.e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Rodrigo Caio. LUDERS, Valéria. A Capoeira como manifestação da cultura popular brasileira: ferramenta de inclusão no processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual. XIX Congresso nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia, 2010.